



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

VANDERLUCIA TOMAZ DE SOUZA BRITO LIRA

**A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NAS ESCOLAS
PÚBLICAS**

ITAPORANGA – PB
2014

VANDERLUCIA TOMAZ DE SOUZA BRITO LIRA

**A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NAS ESCOLAS
PÚBLICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Íris Maria Barbosa Alves

ITAPORANGA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L768i Lira, Vanderlucia Tomaz de Souza Brito
A importância do psicólogo educacional nas escolas públicas
[manuscrito] / Vanderlucia Tomaz de Souza Brito Lira. - 2014.
35 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Curso de Especialização Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Íris Maria Barbosa Alves, Departamento de
Educação".

1.Psicologia educacional. 2.Dificuldades de aprendizagem.
3.Psicólogo educacional. I. Título.

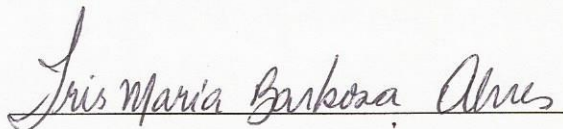
21. ed. CDD 370.15

VANDERLUCIA TOMAZ DE SOUZA BRITO LIRA

**A IMPONTÂNCIA DE UM PSICÓLOGO EDUCACIONAL NAS
ESCOLAS PÚBLICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

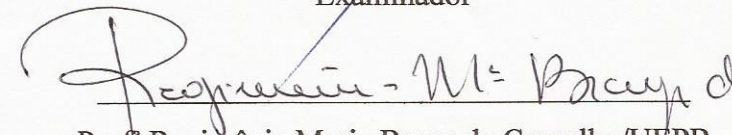
Aprovada em:14/06/2014.



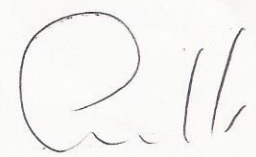
Profª Iris Maria Barbosa Alves / UEPB
Orientadora



Prof Alex da Silva/UEPB
Examinador



Profª Regimênia Maria Braga de Carvalho/UEPB
Examinadora



Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial na minha vida, autor do meu destino e meu guia. Ao meu marido Nilson e familiares, que me incentivaram e ajudaram a concluir mais uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelos ensinamentos de uma vida, aprendendo com erros e acertos, mas sempre com um ideal;

Às minhas filhas Anna Karenina e Anna Karina, por compreender minha ausência e ter me encorajado em momentos de dúvidas;

Aos colegas (em especial a Manoel Gelson), que me estendeu a mão pedindo para eu não desistir nos momentos em que aconteceram dificuldades;

Aos professores (em especial a Marcos Barros e Íris Barbosa) pela dedicação, motivação e pelos novos conhecimentos adquiridos;

Aos amigos Dr. Roberto Carlos e Mazé Pereira, pela colaboração, meu muito obrigada!

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas dos homens foram conquistadas do que pareciam impossível.”

(Charles Chaplin)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi analisar a importância de um psicólogo educacional. Para isso, realizamos uma pesquisa na Escola Normal Estadual Santo Antônio, localizada no município de Piancó – PB, realizada no período de fevereiro de 2014 a março de 2014, onde foram aplicados questionários aos alunos e professores objetivando analisar a importância de um psicólogo educacional nas escolas. A análise foi realizada indutivamente e a forma de abordagem da pesquisa foi quantitativa. Justifica-se a realização deste estudo, pois, atualmente, o papel do professor vai muito além de passar conteúdos da grade curricular, já que este trabalha em prol de preparar os alunos para a vida em sociedade. Após análise dos dados verificou-se que 64% dos alunos acham que seus problemas particulares atrapalham no seu aprendizado e 82% dos alunos procurariam uma pessoa capacitada para conversar e procurar orientação. Quanto aos professores, 67% não se acham capacitados para conversar com os alunos sobre seus problemas. Falando da necessidade de um psicólogo na escola, os professores foram unânimes na importância. Diante do exposto concluiu-se que o papel de um psicólogo educacional é de suma importância visto que a intervenção da atuação do psicólogo dentro da escola pode manter uma visão preventiva, contemplando o atendimento aos alunos, pais e professores. Contribuindo com essa busca, o profissional psicólogo deve agregar valores e atuar como um agente de construção do saber, fomentador de dúvidas e reflexões sobre o fazer pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: desafios dos professores. dificuldades de aprendizagem. problemas comportamentais. psicólogo educacional.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the importance of an educational psychologist. To this end, we conducted a survey in State Normal School San Antonio, located in the municipality of Piancó - PB, conducted from February 2014 to March 2014, where students and teachers questionnaires were applied aiming to analyze the importance of an educational psychologist in schools. The analysis was performed inductively and form of search approach was quantitative. Justified this study because, currently, the teacher's role goes far beyond passing contents of the curriculum, since it works towards preparing students for life in society. After analyzing the data it was found that 64% of students feel that their particular problems hinder their learning and in 82% of the students seek for a knowledgeable person talk and seek guidance. As for the teachers, 67% did not feel able to talk to students about their problems. Speaking of the need of a psychologist in the school, the teachers were unanimous in importance. Given the above it was concluded that the role of an educational psychologist is of paramount importance since the intervention of the psychologist in the school can keep a preventive vision, contemplating service to students, parents and teachers. Contributing to this search, the professional psychologist should add value and act as an agent of knowledge construction, developer of doubts and reflections on the pedagogical practice.

KEYWORDS: challenges for teachers. Learning difficulties. Behavioral problems. Educational psychologist.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Educação na atualidade.....	11
2.1.1 Educação no Brasil.....	11
2.1.2 Relação professor/aluno.....	13
2.1.3 Desafios do professor em sala de aula.....	16
2.2 Dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais.....	17
2.2.1 Dificuldades de aprendizagem.....	17
2.2.2 Problemas comportamentais.....	19
2.3 Psicologia na educação.....	20
2.3.1 Psicologia educacional no Brasil.....	20
2.3.2 A importância do psicólogo educacional e seu trabalho em equipe..	23
3. A PESQUISA: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	25
3.1 Tipo do estudo.....	25
3.2 Caracterização do campo de pesquisa.....	25
3.3 População e amostra.....	26
3.4 Coleta e análise dos dados.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES.....	33
Apêndice 1.....	34
Apêndice 2.....	35

INTRODUÇÃO

As escolas públicas, em sua maioria frequentada por alunos carentes e com situação econômica instável, passam por uma enorme dificuldade. A falta de perspectiva para essa juventude termina refletindo dentro da escola pública. Muitas vezes a escola é a única forma de integração e socialização desses jovens, aumentando cada vez mais a responsabilidade e sobrecarga dos professores, pois muitas vezes é preciso dedicar boa parte do seu tempo em sala de aula para conversar e aconselhar os jovens em vez de repassar conhecimento e/ou discutir os assuntos. É nesse sentido que muitas dificuldades enfrentadas pelos alunos são identificadas no âmbito escolar e os professores são os primeiros a observarem. Na maioria das vezes, os vários transtornos de comportamentos necessitam de acompanhamento e que sejam compreendidos pelos professores. Essa compreensão é imprescindível aos professores para que se sintam capazes de avaliarem os alunos e de alertarem os pais e responsáveis quanto ao comportamento que deve ser revisto dentro do seu quadro de desenvolvimento e de aprendizagem.

O professor é detentor do conhecimento, tem a missão de ensinar, repassar conteúdo, mas, muitas vezes, necessita ouvir os alunos, fazendo papel de aconselhador, terapeuta, pai e amigo, deixando para segundo plano a transmissão do conhecimento, tentando mostrar os pontos em que eles precisam melhorar, sempre com muita atenção, disciplina e afeto. Porém, não vivemos mais no tempo em que o comportamento dos alunos era baseado no respeito aos professores, na boa educação gerada na família e na vivência estudantil solidária. A atual realidade dificulta a ajuda que o professor poderia proporcionar, sentido, assim, grande necessidade de um acompanhamento mais especializado no comportamento humano.

Com a correria dos tempos atuais, os professores também sofrem as consequências e sentem a necessidade de tentar ajudar os alunos que estejam com problemas, utilizando das suas experiências de vida. A pressão vem de todos os lados, seja para os professores, quanto para os alunos. As consequências desse estresse diário é uma reação dos jovens, que por natureza apresentam comportamentos que não são aceitáveis em um ambiente educacional.

É nesse sentido que acreditamos que a atuação de um psicólogo permitirá uma cooperação entre os saberes, juntamente aos professores, objetivando trabalharem em prol de um único objetivo. A ação clínica educativa permite dotar os seus elementos de estratégias com as quais podem construir uma resposta mais integradora à situação em questão, ao contrário da visão isolada de um professor que possui um olhar para o problema de acordo com a sua experiência de vida.

Após anos de vivência em salas de aula nas escolas públicas é possível verificarmos diferentes comportamentos entre os alunos. Diante dessa constatação, também percebermos, com o decorrer dos anos, o aumento das dificuldades de aprendizagem bem como a constante presença de comportamentos que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem, como práticas agressivas e desrespeitosas, por exemplo, entre alunos e até contra professores.

Diante do que vem sendo notado, torna-se de grande importância o trabalho em conjunto com um psicólogo ou pedagogo com especialização em psicopedagogia. Porém, longe de querer que os professores se eximam do seu papel de formação da personalidade dos seus alunos, supomos que a ajuda de um profissional qualificado na área proporcionaria uma orientação especializada para os alunos, desresponsabilizando os professores dessas atividades, como também permitindo que os mesmos se concentrem mais na sua área de conhecimento.

A partir do exposto, o presente trabalho pretende analisar a importância do psicólogo educacional. Para isso, realizamos uma pesquisa na Escola Normal Estadual Santo Antônio, localizada no município de Piancó – PB, realizada no período de fevereiro de 2014 a março de 2014 onde foram aplicados questionários aos alunos e professores objetivando analisar a importância de um psicólogo educacional nas escolas.

Supomos que a presença de um psicólogo voltado à educação irá ajudar a compreender as variadas dimensões da aprendizagem e comportamento humana, além de poder contribuir para a melhoria da qualidade das relações interpessoais dos indivíduos, o que será de fundamental importância para a melhoria do aprendizado sócio educacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação na atualidade

2.1.1 Educação no Brasil

Ao propor uma reflexão sobre a educação brasileira, vale lembrar que só em meados do século XX o processo de expansão da escolarização básica no país começou e que o seu crescimento, em termos de rede pública de ensino, se deu no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), aprovada em 1996, trouxe um grande avanço no sistema de educação de nosso país. Esta lei visa tornar a escola um espaço de participação social, valorizando a democracia, o respeito, a pluralidade cultural e a formação do cidadão. A escola ganhou vida e mais significado para os estudantes.

Os desafios da educação brasileira envolvem aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, e tantos outros. Em estudo elaborado pelo Banco Mundial, entre os desafios mais importantes para a próxima década, estão a qualidade do ensino secundário, a eficiência do gasto público, a qualidade dos professores e a educação infantil. Sem dúvida, esses são pontos essenciais.

A atenção do Brasil com a educação é muito recente. É preciso, além de ampliar os investimentos, direcioná-los e acompanhar sua utilização.

Quando analisamos o quadro da educação infantil, observamos que o País está aumentando rapidamente o ensino pré-escolar e a cobertura das creches, mas é preciso cada vez mais foco na qualidade desses serviços.

Embora o Brasil tenha avançado neste campo nas últimas décadas, ainda há muito para ser feito. A escola, ensino fundamental e médio, ou a universidade, tornaram-se locais de grande importância para a ascensão social de muitas famílias que têm investido muito neste setor.

A formação do Brasil implica necessariamente na estruturação de nosso modelo de ensino porque desde os primeiros anos de nossa descoberta sofremos da falta de estrutura e investimento nessa área. Contudo, além do componente histórico que parece ser de comum aceitação, aparece o problema do modelo pedagógico adotado.

No entender de Saviani (2005, p. 263):

A educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social se põe, portanto como ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social em que professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos.

A relação entre escola e democracia depende de diferentes aspectos presentes na sociedade. Contudo, parece que o problema aparece realmente nas teorias de educação. Isso se expressa pelo elevado índice de analfabetismo funcional, configurando uma marginalidade desses indivíduos analfabetos. Por outro lado, “no segundo grupo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização.” (SAVIANI, 2003, 46)

Com relação a essa questão, Puig (2000) diz que, embora o termo "democracia" seja útil para definir um modelo desejável de relações políticas na sociedade, ele é inadequado para caracterizar instituições como a família, a escola e os hospitais. Isso porque tais instituições sociais são constituídas por agentes que possuem interesses e *status* diferentes. De acordo com o referido autor:

Essas instituições foram pensadas para satisfazer algumas necessidades humanas que, de maneira inevitável, implicam a ação de sujeitos com capacidades, papéis e responsabilidades muito diferentes. São alheias à ideia de participação igualitária. Os pais e as mães têm um papel assimétrico com respeito aos filhos e às filhas, da mesma maneira que os professores e as professoras o têm com respeito aos seus alunos e às suas alunas, ou os médicos e as médicas com respeito aos seus pacientes e às suas pacientes. É nesse sentido que dissemos que para essas instituições não serve o qualificativo de democráticas, pois não são horizontais nem igualitárias. (p. 25)

Isso não significa, de fato, as instituições escolares não possam ser vistas como democráticas. No desenvolvimento de sua análise sobre o tema, o autor irá admitir a existência de escolas democráticas, desde que se consiga um equilíbrio no entre a assimetria funcional das relações e a simetria democrática dos princípios que devem reger as instituições sociais.

A sociedade contemporânea possui elementos diversificados e complexos, isto significa que o ensino precisa estar atento a complexidade da vida contemporânea, preocupando-se com a realidade escolar e com a formação dos indivíduos, sobretudo precisa-se de criatividade para mudar a realidade brasileira.

De acordo com Morin (1998, p. 23):

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra, o máximo possível, os modos simplificados de pensar. Por outro lado, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional e sabe, desde sempre, que o conhecimento completo é impossível. O princípio de incompletude e de incerteza estão por trás desse tipo de pensamento.

Pode-se entender que a complexidade incorpora em seu princípio uma forma dialética de compreender as oposições entre unidade/diversidade, acaso/necessidade, quantidade/qualidade, sujeito/objeto e, também, holismo/reducionismo. Com isto, esta nova forma de ver a ciência, a natureza humana e suas relações com o mundo, não prioriza o objeto ou o sujeito. Não deixa de promover a redução para buscar o holismo, pois isto faria da complexidade uma forma dicotômica de se ver a realidade. Ela busca uma forma de unidade complexa.

Acreditamos que um espaço educativo como a escola pode ser transformador nesse sentido. Por ser um campo de experiências com as diversidades afetivas, cognitivas, morais, culturais e sociais dos alunos e professores é um espaço privilegiado para a construção da ética na relação com os outros e consigo mesmo. A diversidade aqui é entendida como parte da complexidade das características humanas e sociais e não deve ser entendida como deficiência ou algo a ser eliminado deixando à mostra o coletivo/normativo.

A união entre os diferentes saberes com posições diferentes enriquece a discussão e faz o papel da dialética, importante e necessário para o desenvolvimento acadêmico, social, político, cultural e educacional da sociedade.

2.1.2 Relação professor/aluno

Em um modelo tradicional de ensino, o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem.

Não é falso afirmar que o paradigma de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática educacional formal, bem como o que serviu de referencial para os modelos que o sucederam através do tempo. É necessário reconhecer que o caráter tradicional atual da escola passou por muitas modificações ao longo de sua história.

A organização do sistema de ensino inspirou-se na emergente sociedade burguesa, a qual apregoava a educação como um direito de todos e dever do Estado. Assim, a educação escolar teria a função de auxiliar a construção e consolidação de uma sociedade democrática.

Zagury (1999, p. 09) menciona que a teoria educacional subjacente é que “quando o professor ensina, os alunos aprendem, ou seja, aprender era considerado consequência inevitável do ensinar”. Nesse sentido pode-se dizer que o professor quebra a possibilidade de um relacionamento harmonioso entre ele e o aluno, e se este não se adapta ao controle, ele é considerado rebelde, indisciplinado, quando na verdade pode ser apenas uma forma de não aceitação de imposições estabelecidas pelo professor e pela escola, com isso se tem um distanciamento entre professor e aluno e muitas vezes, as relações são mecânicas, ritualistas e sem vida.

Segundo Fernandez (1991, p.47) para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos, quando há um fracasso na aprendizagem, é preciso pensar sobre estas situações, pois o problema pode estar no professor, na escola, nos pais e não exclusivamente no aprendente.

Deve-se haver um equilíbrio entre as duas partes: o aluno respeitando o professor como autoridade em sala de aula e, o professor respeitando o aluno como ser humano em processo de aprendizagem, formação de valores e construção de novos conhecimentos.

O principal papel do professores, na promoção de uma aprendizagem significativa é desafiar os conceitos já aprendidos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes, tornando-se assim mais inclusivos com relação a novos conceitos. Quanto mais elaborado e enriquecido é um conceito, maior possibilidade ele tem de servir de parâmetro para a construção de novos conceitos, isso significa dizer que quanto mais se sabe, mais se tem condições de aprender.

Hoje em dia, o papel do professor vai muito além de passar conteúdos da grade curricular, já que esta trabalha em prol de preparar os alunos para a vida em sociedade. Essa parte é o que torna a atuação do professor mais complexa, pois além de ajudar a alfabetizar e formar bons cidadãos, o professor lida também direta e indiretamente com problemas sociais que os alunos trazem de fora da escola para dentro das salas de aula, principalmente problemas referentes ao âmbito familiar.

Segundo Libâneo (1994, p.87):

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho.

Considera-se também que é indispensável uma adequação pedagógica às

características de um aluno que pensa, de um professor que sabe e de conteúdos com valor social e formativo.

Se a aprendizagem em sala de aula for uma experiência de sucesso, o aluno constrói uma representação de si mesmo como alguém capaz. Do contrário, se for uma experiência de fracasso, o ato de aprender tenderá a se transformar em uma “ameaça”. O aluno ao se considerar fracassado, buscará os culpados pelo seu conceito negativo e culpará o professor pela sua metodologia de ensino, e pelos conhecimentos transmitidos, os quais irão julgá-los como sendo desnecessários e sem validade para sua vida estudantil como pessoal.

Freire (1980, p. 119) aponta de forma ampla o que se espera da escola:

Somente uma outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada de todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros.

Sendo assim, o processo educativo tem que ocorrer como um fenômeno social e cultural, onde a reflexão sobre o saber e suas relações é continuamente redimensionada em uma “negociação” e “recriação” dos significados. Tendo o diálogo entre professor e aluno como elemento norteador para a construção do conhecimento em uma dimensão reflexiva.

Portanto, o trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura. Abreu e Masetto (1990, p. 115), afirmam que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos”. Assim, fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade

Segundo Freire (1996, p. 96):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

E de acordo com Gadotti (1999, p. 02), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Para os professores manterem uma boa relação com os alunos este precisa conhecer

seus alunos e a realidade em que estão inseridos, analisar quais atividades lhe despertam interesse e planejar suas ações em concordância com as habilidades e capacidades que identifica neles, isto requer dos professores atenção e paciência para falas, angústias, sentimentos, denúncias, que muitas vezes aparecem durante as aulas, ao ouvi-los, devem procurar reorganizar a relação professor/aluno.

2.1.3 Desafios do professor em sala de aula

Conforme Oliveira (2003), nas últimas décadas fatores como a perda de controle sobre o trabalho, sua intensificação e fragmentação contribuíram significativamente para a degradação das condições do trabalho docente.

A profissão de professor é uma profissão louvável que merece respeito e consideração de quem a exerce, infelizmente, ocorreu uma deterioração das condições da formação e da prática docente no Brasil, hoje tão desvalorizada no próprio universo escolar, na mídia e na sociedade em geral.

Nesse contexto, segundo Pereira (2006), a falta de condições adequadas para o trabalho do professor, nas escolas, representa um dos inúmeros problemas que a instituição e o próprio professor têm que enfrentar. Essa falta de condições vem provocando doenças nos professores, o que por sua vez compromete todo o processo de ensino e aprendizagem, já que eles são a espinha dorsal desse processo. Entre esses problemas está presente também a questão salarial, uma das queixas do magistério atual, longas jornadas de trabalho docente, ritmo intenso de trabalho, as exigências de um alto nível de atenção e condições físicas das salas de aula da maior parte das escolas públicas e os excessivos números de alunos.

Diante das pressões existentes na organização do trabalho docente, os professores apresentam de forma diversificada, um conjunto de sentimentos que envolvem a angústia, desgosto, raiva, desesperança, desmotivação, além de intenso cansaço físico e estresse. A presença desses elementos dá lugar à vivência do sofrimento psíquico na atividade docente, ameaçando dessa forma a saúde desses profissionais.

A atividade educativa implica em um movimento de trocas entre professor, alunos e conteúdos de ensino. A organização do sistema de ensino repercute em uma proposta organizada e apresentada aos alunos. Considerada como a proposta ideal ou apenas inicialmente ideal, a partir da qual decorrem as demais ações educacionais.

O professor no exercício das atividades pedagógicas que lhe são conferidas, como

função profissional, enfrenta vários desafios diante das mudanças sociais, (RIBEIRO, 2003, p.106) diz que nesse mundo instável em que hoje estamos, em produtivo e promissor, se não soubermos proporcionar uma formação densa e rica que prepare as pessoas para as trajetórias tão díspares, tão imprevisíveis, que é cada vez mais frequente que venham a ter”

O professor é um profissional que para desenvolver o seu papel de forma organizada, precisa planejar, porque o planejamento se constitui em uma ferramenta para o exercício das suas atividades. Segundo (BASSEADAS; HUGUET; SOLÉ, 2008, p.100):

Desde que chega a escola, acompanhada de seu pai e sua mãe, até voltar a companhia deles, ao final do período, os profissionais da escola precisam organizar a sua intervenção para ajudar a criança a sentir-se à vontade e para favorecer o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem.

Os alunos não estão ‘naturalmente’ dispostos a fazer o papel de alunos, isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa. (DUBET, 1997, p. 223), sem dúvida, o aspecto que mais sobressai quando se passa a ter contato com a sala de aula. Atrair a atenção dos alunos se mostra uma tarefa extremamente árdua e cansativa, já que é necessário a todo o momento chamar a atenção deles e tentar mantê-los ocupados usando vários artifícios, caso contrário, o caos se instaura.

2.2 Dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais

2.2.1 Dificuldades de aprendizagem

A área da educação nem sempre é sucessos e aprovações, muitas vezes, no decorrer do ensino, se depara com problemas que deixam os alunos estagnados diante do processo de aprendizagem, assim são rotulados pela família, professores e colegas.

Conforme Major (1987, p. 02), o termo “problemas de aprendizagem” é frequentemente mal interpretado, devido a várias definições que lhe foram atribuídas. Geralmente, quando se refere à criança com problemas de aprendizagem, faz-se inferência a uma criança com inteligência mediana (ou acima da média), sem problemas motores ou emocionais que sejam sérios a partir dos parâmetros normais.

Além disso, os rótulos utilizados para descrever esse tipo de criança são: deficiência perceptiva, lesão cerebral, disfunção mínima cerebral (DMC), entre outros. Segundo Ferreira

(1997), o que acontece no início da escolaridade primária é decisivo para todo o resto da história escolar da criança, pois é no primeiro ano das séries iniciais que a criança é definida como um aluno lento, rápido, com ou sem problemas. É neste espaço que o aluno receberá o primeiro rótulo, que terá consequência no resto da sua escolaridade.

Assim sendo os problemas de aprendizagem afetam negativamente a vida escolar, familiar, social e psíquica de muitas crianças e adolescentes, causando sofrimento e perda de autoestima. Sofrem, também, os pais e cuidadores, sentindo-se impotentes frente às dificuldades do filho.

O National Joint Committee on Learning Disabilities (NJCJD), citado por Smith et al. (1997, p. 41-42) diz que:

Dificuldade de aprendizagem é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por problemas significativos na aquisição e uso das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemática. Estas desordens, presumivelmente devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, são intrínsecas ao indivíduo e podem ocorrer durante toda sua vida. Problemas nos comportamentos auto reguladores, na percepção social e nas interações sociais podem coexistir com as dificuldades de aprendizagem, mas não constituem por si só uma dificuldade de aprendizagem. Embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições de incapacidade (por exemplo, privação sensorial, deficiência mental, perturbação emocional grave) ou com influência extrínsecas (tal como diferenças culturais, ensino inadequado ou insuficiente), elas não são devidas a tais condições ou influências.

As dificuldades podem ser decorrentes de diversos fatores a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo dentre eles podem ser destacados problemas emocionais, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendizado, a dislexia, que vem tendo grande repercussão na atualidade, porém, é necessário estarmos atentos a outros sérios problemas, como a disgrafia, discalculia, dislalia, disortografia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

O processo para o diagnóstico desses alunos não é tarefa simples, no entanto, muitas vezes, o professor suspeita e percebe que algo não está dentro da normalidade com um aluno, por isso, antes de estabelecer um rótulo, faz-se necessário buscar conhecer as supostas causas dessa anormalidade para tomar a atitude necessária.

Apesar da grande importância dos professores na identificação e descoberta desses problemas, eles não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos. O papel do professor se restringe em

observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

É preciso questionar acerca de as instituições de ensino promoverem a inclusão dos alunos com dificuldade no aprendizado se realmente estão incentivando-os a superar suas dificuldades, oferecendo condições para que isso aconteça.

É necessária uma maior sensibilidade em meio aos profissionais envolvidos na educação e também entre os familiares de crianças com esta dificuldade, para compreender e aceitar o jeito de ser de cada criança, nesse processo também é importante requer avaliações precisas e abrangentes, possibilitando a coleta de todos os dados necessários, com informações diferenciadas e complementares, pautadas na compreensão do desempenho do educando.

2.2.2 Problemas comportamentais

Sabe-se que a indisciplina de alunos em sala de aula é um dos grandes problemas enfrentados atualmente por educadores brasileiros, que em sua grande maioria acabam desmotivados em parte das vezes, ou afastados de suas atividades por diagnósticos de doenças laborativas diversas.

A indisciplina escolar não envolve somente características encontradas fora da escola como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, além de conflitos nas relações familiares, mas aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno.

No âmbito escolar a indisciplina pode ser vista através de três eixos: contexto da conduta dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com os seus pares, e com os profissionais da educação; e desenvolvimento cognitivo dos estudantes. (GARCIA, 1999)

Já no contexto da sala de aula, a indisciplina é caracterizada por atos considerados inadequados pelos professores e anômalos a aprendizagem. (OLIVEIRA, 2002)

Tais atos podem ser: falar junto com o professor, brigar em sala de aula, fazer bagunça e não realizar as tarefas escolares, movimentar-se, gritar, falar alto, imitar animais, responder ao adulto ou ainda gritar, bagunçar, agredir física e verbalmente os colegas e professores,

empurrar e ficar xingando os mesmos. (OLIVEIRA, 2002; PAPPA, 2004; LOBATO, 2006)

Seja qual for a concepção de indisciplina, ela estará sempre vinculada à concepção de educação e de cidadão. Caso não se opte por uma educação tradicional, de cunho autoritário, também não se deve optar por uma educação permissiva e espontânea, na qual o aluno não se sente responsável pelo seu processo de aprendizagem.

O comportamento indisciplinado é essencialmente negativo, atrapalha a aprendizagem escolar, revela falta de educação, ataque ou patologia e deve ser enfrentado por medidas moralizadoras, punitivas, ou médicas-psicológicas. (FRELLER, 2001, p. 17)

O professor e a escola devem ter por objetivo central a transmissão e recriação do conhecimento construído socialmente. Um grande problema, é que o professor mantém-se rígido em seu lugar de autoridade, para Aquino (1999) o aluno não é o único foco da indisciplina escolar, mas, ao mesmo tempo, indica sistematicamente as ações que devem ser desenvolvidas pelo professor e na escola como forma de busca a solução desta problemática.

O meio familiar tem muita importância sobre as atitudes do aluno além de fornecer e reforçar comportamento e valores apropriados, a família é o agente intermediário de cultura ao filtrar e interpretar os valores e comportamentos de subgrupos diferentes.

A escola deve buscar uma interação com a família, pois é salutar que haja essa comunicação, uma vez que, tanto a escola como a família devem ter interesses comuns em relação à formação do educando porque uma consequência interessante do conhecimento compartilhado progressivo que os pais, as mães e os professores constroem sobre a criança é a possibilidade de estabelecer critérios educativos comuns.

2.3 Psicologia na educação

2.3.1 Psicologia educacional no Brasil

A Psicologia no Brasil, como campo de conhecimento, teve seu início no século XX, desenvolveu-se de modo positivista e experimentalista aos desafios que se colocavam para a educação. Já naquela época havia a consciência de que não se poderia pensar na educação desconsiderando a compreensão das dimensões psicológicas e psicossociais dos homens.

A Psicologia escolar surgiu como uma necessidade de integrar a educação aos conhecimentos psicológicos, englobando um contexto amplo, que envolve as relações, a cultura e a vivência de cada indivíduo, favorecendo os processos de ensino e de

aprendizagem, além das relações interpessoais que caracterizam o cotidiano escolar. (YAZLLE, 1997)

Segundo Patto (1984), a primeira função desempenhada pelos psicólogos junto aos sistemas de ensino, no Brasil, foi a de medir habilidades e classificar crianças quanto à capacidade de aprender e de progredir pelos vários graus escolares.

A primeira escala métrica de inteligência foi desenvolvida por Binet, na França em 1905, tinha como objetivo desenvolver instrumentos que possibilitassem a seleção, adaptação, orientação e classificação de crianças que necessitassem de educação escolar especial em normais e anormais.

Os estudos de Sigmund Freud (1856-1939) sobre a psicanálise vieram mudar a visão a respeito da origem das diferenças pessoais. Com a elaboração de uma teoria que considerava a relação do indivíduo com o grupo familiar determinante da personalidade e, por sua vez, de como este indivíduo se posicionará no mundo.

A psicanálise foi trazida para o Brasil pelos médicos que, por sua vez, foram os primeiros a produzir conhecimentos psicológicos neste país cujo objetivo era psicodiagnostics e tratar crianças que apresentassem problemas de aprendizagem.

A psicanálise trouxe novas explicações que situavam os problemas de aprendizagem nas influências ambientais, mais especificamente no desajuste familiar.

Daí surgiu o Movimento de Higiene Mental que tinha funções preventivas de orientação, assistência, pesquisa e ensino de técnicos especializados em desajustamentos infantis. Esse movimento partia do princípio de que o profissional de Psicologia deveria se adiantar aos problemas e cuidar do controle do bem-estar social e individual da nação. (YAZLLE, 1997)

A partir da década de 70 do séc. XX chegaram as ideias produzidas nos Estados Unidos, que constituíam a Teoria da Carência Cultural. Essa teoria surgiu diante da necessidade de se conter as tensões geradas pelos movimentos reivindicatórios das minorias raciais. (SOUZA, 1997)

Com esse conjunto de ideias, as crianças de segmentos sociais pobres não possuem as mesmas aptidões para o aprendizado que as de classe privilegiada e, portanto, precisam aprender com recursos diferentes dos oferecidos aos outros.

Devido essas ponderações, foram realizados Programas de Educação Compensatória, voltados para as crianças carentes, primeiro nos Estados Unidos e depois no Brasil, disseminando assim a crença de que todos os esforços estão sendo feitos objetivando escolarizar os filhos da pobreza e sanar suas “deficiências”. (PATTO, 1984)

A psicologia, enfim, sempre se fez presente na educação, principalmente criando critérios para classificar as crianças que não estavam adaptadas aos padrões ideais estabelecidos pela classe social dominante, nos diferentes períodos históricos.

Se num primeiro momento as separou em normais e anormais, num segundo modelo de trabalho, denominou-as crianças problema e diante do modelo que por hora abordamos, marca os deficientes ou os carentes.

Foi a partir da década de 1980 que se iniciou um movimento de análise crítica da atuação do psicólogo escolar, a fim de que fosse possível a consideração dos processos desenvolvidos na instituição escolar.

Os problemas de aprendizagem passaram a ser vistos como um fenômeno complexo, constituído socialmente, cuja análise deve abarcar os aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Para Tanamachi (1997, p. 73-74):

A educação escolar é compreendida como fundamental no processo de socialização do conhecimento produzido pela humanidade. E, por conseguinte, as relações escola sociedade devem ser pensadas por contradição no sentido de que “se o fato educativo é um político e um social, conseqüentemente, é também verdadeiro que toda situação política e social determina sensivelmente a educação”.

Analisando o fenômeno educacional, é importante levar em consideração que a realidade educacional é determinada por diversos fatores. Nesse contexto, é lançado ao psicólogo o desafio de superar a visão técnica/clínica que sempre prejudicou sua atuação, passando a atuar politicamente, ou seja, “atuar e refletir politicamente com os indivíduos para conscientizar-se junto com eles das reais dificuldades da sua sociedade”. (FREIRE, 1979, p 112)

Conforme Ragonesi (1997), o rompimento com o modelo clínico de atuação implica romper com a separação entre as atividades de ensino que seriam responsabilidade do professor e o comportamento dos alunos, que por sua vez seriam responsabilidade do psicólogo.

O momento é de criar espaços de reflexões com todos os grupos que fazem parte da escola, famílias e aluno, professores, pedagogos e funcionários considerando a realidade escolar como um todo, fazendo parcerias com outros profissionais que têm a educação como foco de atenção.

A Psicologia escolar surgiu, assim, como uma necessidade de integrar a educação aos conhecimentos psicológicos, englobando um contexto amplo, que envolve as relações, a

cultura e a vivência de cada indivíduo, favorecendo os processos de ensino e de aprendizagem, além das relações interpessoais que caracterizam o cotidiano escolar.

2.3.2 A importância do psicólogo educacional e seu trabalho em equipe

A presença do psicólogo escolar não é realidade na grande maioria das escolas brasileiras, porém se percebem os benefícios que esse profissional pode trazer à aprendizagem dos alunos através da identificação e intervenção nos casos que se fizerem necessários, bem como orientações para a direção da escola, da equipe pedagógica e dos pais.

A importância da Psicologia na área educacional é defendida por Ferreira (2010, p. 71) dizendo que:

A Psicologia, mediante as intervenções psicopedagógicas, muito pode contribuir para o desenvolvimento não só educacional, mas do ser humano como um todo, com suas técnicas e parcerias que se unem a favor do outro. É necessário aceitar que cada sujeito tenha sua construção social, cultural e uma história de vida. O importante é sermos éticos e trabalharmos em função do outro.

O psicólogo deve auxiliar os educadores a terem como foco não a dificuldade, mas a promoção de superação dos limites e desenvolvimento das eficiências.

O trabalho do psicólogo educacional tem como meta principal o ajustamento do indivíduo, além disso, a sua prática profissional envolve ação junto a diretores, professores, orientadores e pais com a finalidade de conseguir condições que favoreçam o desenvolvimento da personalidade do escolar, não ficando as suas funções limitadas apenas ao diagnóstico de alunos considerados problemas ou difíceis.

Novaes (1972, p. 26) diz ainda que:

Cabe ao psicólogo escolar a aplicação dos princípios da psicologia da aprendizagem, da motivação, do desenvolvimento e do ajustamento para o estudo do comportamento da criança escolar e do seu meio educacional com o objetivo de facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento humano através de prevenção, identificação, avaliação e reeducação dos problemas educacionais nos diversos níveis de escolaridade.

Ferreira (2010, p. 71) defende a importância da Psicologia na área educacional dizendo que:

A Psicologia, mediante as intervenções psicopedagógicas, muito pode contribuir para o desenvolvimento não só educacional, mas do ser humano como um todo, com suas técnicas e parcerias que se unem a favor do outro. É necessário aceitar que cada

sujeito tenha sua construção social, cultural e uma história de vida. O importante é sermos éticos e trabalharmos em função do outro.

O trabalho do psicólogo escolar, de acordo com Novaes (1972), tem como meta principal o ajustamento do indivíduo, além disso, a sua prática profissional envolve ação junto a diretores, professores, orientadores e pais com a finalidade de conseguir condições que favoreçam o desenvolvimento da personalidade do escolar, não ficando as suas funções limitadas apenas ao diagnóstico de alunos considerados problemas ou difíceis.

Quanto às angustias da vida particular do professor, é necessário que o psicólogo faça acompanhamentos em grupo e/ou individualizados para atender às necessidades decorrentes das angústias apresentadas pelos professores, estas influenciam na sua maneira de ensinar, na sua resistência com relação às frustrações e dificuldades vinculadas ao papel de profissional da educação. Não se deve esquecer que na atualidade é cada vez mais frequente os professores adoecerem física e mentalmente.

Portanto, o papel do psicólogo é de: acompanhar, sugerir e buscar as melhores estratégias, métodos para resolver situações problemáticas apresentadas na escola e que possam ajudar os elementos que compõem o contexto escolar a identificar as causas e as possíveis intervenções que auxiliem na condução dos processos escolares, o que irá permitir um novo olhar sobre as demandas da escola, já que em muitos casos o principal problema está na forma com que enxergar os fatos.

A interação entre professor e psicólogo escolar, é importante dizer que cada um precisa respeitar o papel do outro, considerar e valorizar o conhecimento que cada um construiu através das experiências vividas junto à escola e aos alunos. Esses profissionais obterão maior autonomia, respeito por seu trabalho e habilidades para resolver os problemas com que se depara no âmbito escolar se trabalharem de maneira integrada.

3. A PESQUISA: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Tipo de estudo

Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como sendo exploratória do tipo estudo de caso, proporcionando, desse modo, uma maior familiaridade com o problema.

Quanto à forma de abordagem, a pesquisa é quantitativa pois algumas das informações serão classificadas e analisadas utilizando estatística e os dados serão analisados indutivamente.

3.2 Caracterização do campo de pesquisa

A coleta de dados foi realizada na Escola Normal Estadual Santo Antônio, localizada no município de Piancó – PB, realizada no período de fevereiro de 2014 a março de 2014.

A referida escola foi inaugurada no dia 23 de fevereiro de 1950, mas começou a funcionar no dia 07 de julho de 1951. Está situada a Rua Nicolau Loureiro, 63, Centro, Piancó-PB.

A escola conta com 13 (treze) salas de aula, uma sala de diretoria, acoplada com o almoxarifado, secretária, sala de professores, refeitório, sala de rádio, 04 (quatro) banheiros para funcionários e professores, 08 (oito) banheiros para alunos e 02 (dois) banheiros para portadores de necessidades especiais, laboratório de informática, 03 (três) áreas de sol, auditório e uma quadra poliesportiva com arquibancada e estacionamento.

Atualmente a escola funciona em horário integral com a implantação do Programa Mais Educação, conta com 24 professores e atende no geral, 455 alunos da 6º série até o 3º ano do ensino médio e os cursos de Pedagogia, Agroindústria, Agropecuária e Projovem nos três períodos (Tabela 1).

Tabela 1. Informações sobre as turmas existentes na Escola Normal Estadual Santo Antônio:

Ano	Turma	Turno	Total/Alunos
6º	Única	Tarde	24
7º	Única	Tarde	23
8º	Única	Tarde	24
9º	Única	Tarde	45

1ºMédio	Três	Manhã e Tarde	80
2ºMédio	Duas	Tarde	45
3ºMédio	Única	Tarde	25
2º Pedagogia	Única	Tarde	13
3º Pedagogia	Única	Tarde	13
4º Pedagogia	Duas	Noite	23
Agroindústria	Duas	Noite	59
Agropecuária	Duas	Noite	49
Projovem	Três	Noite	62
Total Geral			455

3.3 População e amostra

A população foram os 455 alunos e 24 professores da Escola Normal Estadual Santo Antônio e a amostra contou com 116 estudantes e 21 professores.

3.4 Coleta e análise dos dados

A pesquisa foi iniciada com o pedido de participação dos envolvidos – alunos e professores – e uma breve explicação da pesquisa, sintetizando seu objetivo para o participante e garantindo a ele total privacidade dos dados colhidos. Assim, após a devida autorização, foi entregue um questionário constando perguntas objetivas, com apenas duas opções de marcação: sim ou não.

Os questionários aplicados encontram-se nos Apêndices 1 (para professores) e 2 (para alunos), cada um apresentando 5 perguntas objetivas. Dentre estas perguntas, a primeira tem como objetivo saber dos alunos as influências ocasionadas por problemas particulares vivenciados por eles no aprendizado; e dos professores saber as influências ocasionadas por problemas particulares vivenciados pelos alunos nas suas atividades – enquanto professor – em sala de aula.

A segunda pergunta do questionário aplicada aos alunos tem como objetivo saber se os alunos sentiram vontade de procurar algum professor para conversar sobre seus problemas particulares, e para os professores se eles estariam disponíveis para ouvir os alunos.

Na terceira pergunta aplicada aos alunos objetivamos saber se os alunos procuraram de fato algum professor para conversar sobre os seus problemas.

Na quarta pergunta a intenção é saber se caso a escola tenha – ou tivesse – um

profissional capacitado para ouvi-lo, como um psicólogo, por exemplo, o aluno o procuraria. Na pergunta feita aos professores o objetivo é saber se eles se acham preparados para ouvi-los e os ajudá-los.

Na última pergunta o objetivo principal foi saber dos alunos se um psicólogo na escola poderia ajudá-los a exteriorizar seus problemas pessoais, e para professores se esse mesmo psicólogo poderia ajudá-los, também, no entendimento dos problemas vivenciados pelos alunos e atendimento/aconselhamento dos mesmos.

Após os dados serem coletados, foi realizada uma análise coletiva dos questionários, separando entre alunos e professores, ilustrados através de gráficos.

Os resultados aqui obtidos com base na pesquisa foram analisados a partir da sintetização nos gráficos 1 e 2.

Na primeira resposta 64% dos alunos acham que seus problemas particulares atrapalham sua aprendizagem. 71% dos professores acham que os problemas pessoais não atrapalham na sua vida profissional.

Quando perguntando aos alunos se eles já procuraram um professor para conversar sobre seus problemas 93% responderam que não, mais na pergunta seguinte se eles procurariam 70% falou que sim.

Quando perguntando aos professores se já conversaram com os alunos para saber por que mudaram o comportamento 67% respondeu que sim e 76% respondeu que a mudança se deu por problemas que se têm em casa.

Na quarta pergunta feita aos alunos 82% procurariam uma pessoa capacitada para conversar e procurar orientação; já 67% dos professores não se acham capacitados para conversar com os alunos sobre seus problemas.

Na última pergunta em que enfatiza-se a necessidade de um psicólogo na escola, os professores foram unânimes que sim, que é importante um psicólogo na escola, e entre os alunos apenas 10% acharam que não seria necessário.

Analisadas as respostas dos alunos e dos professores pôde ser possível identificar que o recurso à Psicologia tem sido uma marca constante no modo de encarar e buscar soluções para os problemas educacionais

A Psicologia, mediante as intervenções psicopedagógicas, muito pode contribuir para o desenvolvimento não só educacional, mas do ser humano como um todo, com suas técnicas e parcerias que se unem a favor do outro. É necessário aceitar que cada sujeito tenha sua construção social, cultural e uma história de vida. O importante é sermos éticos e trabalharmos em função do outro.

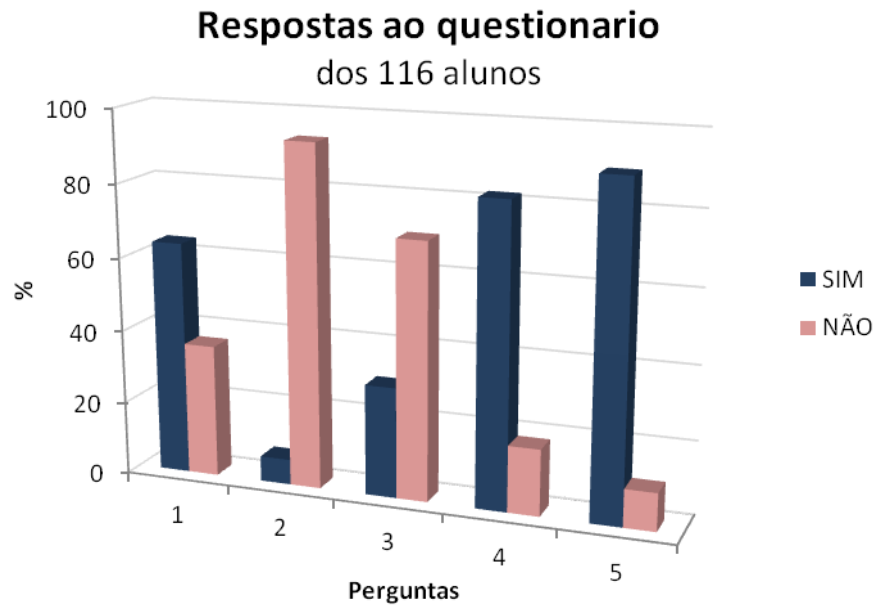


Figura 1. Respostas em porcentagem dadas ao questionário de cinco perguntas oferecidas pelos 116 alunos da Escola Normal Estadual Santo Antônio.



Figura 2. Respostas em porcentagem dadas ao questionário de cinco perguntas oferecidas pelos professores da Escola Normal Estadual Santo Antônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas respostas do questionário que foi aplicado junto aos alunos e professores da Escola Normal Estadual Santo Antônio, ficou evidente que os problemas particulares dos alunos visto tanto por eles como pelos professores e funcionários atrapalham no bom desenvolvimento dos alunos. Existe uma necessidade dos alunos em conversar com alguém na escola que pudesse orientá-los, muitas vezes em problemas pessoais, mas a maioria dos professores não estão preparados para esse tipo de diálogo. Assim, 67% dos professores não se acham preparados para terem um diálogo e orientar os alunos em relação aos seus problemas vivenciados cotidianamente, e grande parte dos alunos e todos os professores acham de grande importância a presença de um psicólogo na escola.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S.; ALVES, C. B.; NEVES, G. N.; SILVA, L. P.; PEDROZA, R. L. S. **O professor de ensino médio e a Psicologia em seu cotidiano escolar**. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.
- ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. São Paulo: Cortez, 1990.
- AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.
- _____. **Autoridade docente, autonomia discente uma equação possível e necessária. Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Summus, 1999.
- AZEVEDO, F. de. **A transmissão da cultura: a cultura brasileira**. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1958.
- BENTO, A. M. de O. **Percepção da equipe multidisciplinar frente à função do pedagogo numa escola**. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - curso de Pedagogia, Unesp, Bauru (2007).
- CORREA, A. R. **A Filosofia na ratiostudiorum**. 2006. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba. SP. Disponível em: <[HTTP://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno](http://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno)>. Acessado em 28/01/2014.
- DUBET, F. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.5-6, 1997
- FERREIRA, A. S.; PACHECO, A. B. **Intervenção psicopedagógica numa perspectiva multidisciplinar: trabalhando para o desenvolvimento das potencialidades de estudantes adolescentes**. Brasília. Conselho Federal de Psicologia, 2010.
- FERREIRO, E. **A criança no processo de alfabetização**. São Paulo: PUC, 1997.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Paz e Terra: São Paulo, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: um trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999
- GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, p. 101-108, jan./abr. 1999.
- GHIRALDELLI, P. **História da educação brasileira**. Cortez: São Paulo, 2006.

GUIMARÃES, A; FARIA, F. **Uma profissão, várias realidades**. Revista Nova Escola, Brasília: n. 201, p. 28-29, abr. 2007

LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha. Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 1994

MAJOR, S. **Crianças com dificuldade de aprendizado**. São Paulo: Manoele, 1987.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 4 ed. Portugal: Europa-América. 1980.

_____. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: Gedisa, 1998.

National Center for Learning Disabilities. **General Information on Learning Disabilities**. New York, 1997

NOVAES, M. H. **Psicologia Escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. 7. ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar: representação social de professores que atuam no ensino fundamental na cidade de Cáceres-MT**. Doutorado em Psicologia da Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

PAPPA, J. S. A. **Indisciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental**. Doutorado em Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

PATTO, S. **Introdução à psicologia escolar**. Casa do Psicólogo São Paulo, 1983

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

RIBEIRO, R. J. **A universidade num ambiente de mudanças**. Trabalho docente na educação superior: proposições e perspectivas. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2003.

SANTOS, E.; BEZERRA, Maria do Socorro Pontes da Silva; TADEUCCI, Marilsa de Sá Rodrigues. **Educação: A Importância de um Psicólogo no contexto Escolar**. Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0071_0081_01.pdf>. Acessado em 28/01/2014.

SMITH, T. E. C.; DOWDY, C. A.; POLLOWAY, E. A.; BLALOCK, G. E. **Children and Adults with Learning Disabilities**. Boston. Allyn and Bacon, 1997.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara**. 32 ed. Campinas: Cortez, 2003.

_____. **Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de**

classes. In: LOMBARDI, Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Pedagogia:** o espaço da educação na universidade. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. V.37, n.130, p.99-134, jan./abr.2007.

SOUZA, M. P. R. **A questão do rendimento escolar:** mitos e preconceitos. Revista da Faculdade de Educação, 1989.

TANAMACHI, M; PROENÇA; ROCHA, M. L. **Psicologia e educação:** desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1984

TANAMACHI, E. de R. **Visão crítica de educação e de Psicologia:** elementos para a construção de uma visão crítica de Psicologia Escolar. 1997. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Marília.

VOKOY, T.; PEDROSA, R. L. S. **Psicologia Escolar em educação infantil:** reflexões de uma atuação. Universidade de Campinas. Campinas, 2005.

APÊNDICES

Apêndice 1**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES**

Identificação:

Primeiras letras do seu nome:

Idade:

Função:

1 – Os problemas particulares atrapalham no bom desenvolvimento do seu trabalho?

Sim

Não

2 – Você já conversou com algum aluno para tentar entender os motivos pelo o qual o mesmo alterou seu comportamento?

Sim

Não

3 – Os alunos que apresentam comportamentos inadequados com a conduta da escola são devidos aos problemas que vem de casa?

Sim

Não

4 – Você se acha preparado para tratar os problemas dos alunos?

Sim

Não

5 – Você acha que um psicólogo na escola seria importante para tratar os problemas dos alunos?

Sim

Não

Apêndice 2**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS**

Identificação:

Primeiras letras do seu nome:

Idade:

Serie:

1 – Os problemas particulares atrapalham no bom desenvolvimento do seu aprendizado?

Sim

Não

2 – Você já procurou algum professor ou funcionário da escola para conversar sobre algum problema pessoal?

Sim

Não

3– Você procuraria alguém entre professores e funcionários para conversa sobre algum problema seu?

Sim

Não

4 – Caso na escola tivesse alguém capacitado para orientar em algum problema você o procuraria?

Sim

Não

5 – Você acha que um psicólogo na escola seria importante para orientar nos problemas?

Sim

Não